

**UM OLHAR NA EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA: NOTAS  
PRELIMINARES DA EXPERIÊNCIA DO COLÉGIO  
ESTADUAL SECRETÁRIO DE ESTADO FRANCISCO ROSA  
DOS SANTOS EM ARACAJU - SE**

**Josevânia Nunes Rabelo**

Professora da Estadual de Sergipe da disciplina Empreendedorismo. Professora da UFS.  
Pesquisadora do Grupo de Estudos Urbanos e Culturais (LABEURC), da UFS vinculado ao  
CNPQ. Mestranda em Sociologia pela UFS

Sergipe-Brasil

E-mail: [josevaniarabelo@ig.com.br](mailto:josevaniarabelo@ig.com.br)

(79)3224-5998 e (79) 8101-7730

**Andréa Ribeiro Santos**

Professora do Departamento de Administração da UFS, e Professora da rede Estadual de  
Sergipe. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Sociologia Econômica da UFS vinculado ao  
CNPQe Pesquisadora do grupo de Pesquisa em Educação, Formação, Processo de Trabalho e  
Relações de Gênero da UFS vinculado ao CNPQ. Mestranda em Sociologia da UFS

Sergipe-Brasil

E- mail: [andrearibeiro@infonet.com.br](mailto:andrearibeiro@infonet.com.br).

(79) 3257-3616 e (79) 9987-9565

**A LOOK AT THE ENTREPRENEURIAL EDUCATION: NOTES FROM THE  
PRELIMINARY STATE COLLEGE EXPERIENCE THE SECRETARY OF STATE  
OF ROSA FRANCISCO SANTOS IN ARACAJU - SE**

**ABSTRACT**

Face the emergency of current society that is influenced with transformations brought by technological revolution and globalization, the school must have a mechanism of qualification of the student to face the challenges of the post industrial context, searching for the fulfillment of their dreams, of their projects in their professional journey. In this sense the school assumes the role of entrepreneur. The entrepreneurship in education, over all in basic education, comes in to fill out the lack that put school distant from students; it becomes a competitive mechanism for success because it allows its clients to elaborate goals, transform them in reachable goals and to implement plans attached to its existence. Therefore, the present study has the objective to report the preliminary results of the entrepreneurship education experience at Colégio Estadual Secretário de Estado Francisco Rosa dos Santos. To achieve the general objective of the research, initially it was done a bibliographical survey of the issue debated. Right after, structured questionnaires were applied in some classes of high school that study the subject; the teachers who teach the subject entrepreneurship also answered another structured questionnaire and a structured semi-interview was done with the director of the school. The data found was analyzed to the light of bibliographical review. It stands out that the product of the research demonstrated that the subject entrepreneurship in the cited school, despite being recent, efficiently transmits a new language: the interaction of what is out of the school with the school itself, introducing into the student the importance of being a pro-active citizen in society and for that, needing to develop skills such as: tolerate the differences; being creative; valuing cooperation; differentiate the possible dream from the unreachable one and specially being open to changes.

**Keywords:** Education; Entrepreneurism; Competitiveness; Profession.

## **UNA MIRADA A LA EDUCACIÓN EMPRESARIAL: TOMA NOTA DE QUE EL ESTADO PRELIMINAR DE LA EXPERIENCIA UNIVERSITARIA SECRETARIO DE ESTADO DE ROSA FRANCISCO SANTOS EN ARACAJU - SE**

### **RESUMEN**

Ante la emergência de la sociedad actual, que es influenciada por las transformaciones derivadas de la revolución tecnológica y la globalización, la escuela debe ser un mecanismo de capacitación del alumno para enfrentar los desafíos del contexto posindustrial, en busca de la concretización de sus sueños, de sus proyectos en su trayectoria profesional. En este sentido, la escuela asume el papel de emprendedora. El emprendorismo en la educación, sobre todo en la educación básica, viene a suplir una falta en la que esta institución se encontraba ante la realidad del educando, pues permite a sus clientes elaborar objetivos, transformarlos en metas posibles y a implementar planes vinculados a su existencia. Así, el presente estudio tiene como objetivo relatar los resultados preliminares de la experiencia de educación emprendedora en el Colégio Estadual Secretário de Estado Francisco Rosa dos Santos. Para alcanzar el objetivo general de la investigación, fue realizada, inicialmente una revisión bibliográfica sobre el tema. A continuación, fueron aplicados cuestionarios estructurados en algunas divisiones de enseñanza media que estudian la disciplina; los profesores que imparten la disciplina emprendedorismo también respondieron un cuestionario estructurado; fue hecha aun una entrevista semiestructurada con la dirección de la escuela. Los datos recogidos fueron analizados a la luz de la revisión bibliográfica. Es pertinente destacar que el producto de la investigación demostró que la disciplina emprendedorismo en la referida escuela, a pesar de reciente, transmite eficazmente un nuevo lenguaje: La interacción de lo que está fuera de la escuela con la propia escuela, introduciendo en el alumno la importância de ser un ciudadano proactivo en la sociedad, y para tal precisan desarrollar habilidades como: tolerar las diferencias, ser creativo; valorizar la cooperación; diferenciar el sueño posible del inalcanzable y, principalmente, estar abierto a los cambios.

**Palabras clave:** Educación; Emprendedorismo, Competitividad, Profesión.

## EMPREENDEDORISMO E EDUCAÇÃO

Quando observamos o mundo por um instante, temos a sensação de que está existindo uma revolução, talvez, podemos comparar a uma ruptura igualável a da Revolução Industrial, a qual iniciou um novo ciclo para a humanidade. Foi a partir dessas observações que o Empreendedorismo surgiu na educação em Sergipe, com o objetivo de trabalharmos o aluno para enfrentar os desafios de uma sociedade cada vez mais competitiva. A iniciativa partiu do SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas) que planejou um convênio com a Secretaria de Educação do Estado e a Faculdade São Luís para proporcionar uma especialização *latu sensu* em Empreendedorismo, com o objetivo de capacitar os profissionais da rede estadual de ensino numa nova linguagem.

Inicialmente, tivemos receio com o conceito de empreendedorismo, pois estávamos iniciando um contato com o desconhecido. De forma pré-concebida pensávamos que o empreendedorismo era sedimentar o neoliberalismo na escola e, principalmente, incutir nos alunos uma idéia de que sozinho ele poderia conseguir vencer, dependendo apenas de sua capacidade de gerenciar os obstáculos, ou seja, sem relacionar o contexto sociocultural em que o mesmo estava envolvido.

Posteriormente, com as aulas e debates fomentados pelas temáticas do curso (empreender, cooperação, equipe, associativismo, *internet*, informação, mundialização da economia, etc.), percebemos a incoerência da nossa posição na sala de aula com o contexto atual. Levávamos tradicionalmente o conteúdo, mas faltava a liberação dessa teoria para a prática. É parecemos que voltávamos, agora, mais conscientemente a rever algumas idéias de Paulo Freire.

Portanto, foi em um ambiente voltado para questionarmos sobre a direção da economia, do trabalho e da educação que enfrentávamos a incômoda sensação de dissonância entre a escola e o mundo. Assim, foi aguçada uma percepção de que o aluno tem o direito de escrever a sua história, como ator ativo de um processo de mudança, treinando o educando para a formação de sua autonomia (FREIRE, 1996). Logo, a liberação da capacidade crítica do aluno mediante o conhecimento da realidade conduz a educação para potencializar o desenvolvimento social.

Depois da especialização, fomos convocados para adentrarmos a escola com os novos conceitos. E, quando iniciávamos o ensino da disciplina empreendedorismo, tivemos a surpresa da receptividade dos alunos, os quais, agora, poderiam dialogar sobre suas angústias com o mercado de trabalho. E, juntos aprendíamos que seria necessário a formação de um novo agente para o enfrentamento de uma economia cada vez mais centrada na informação:

Es una economía que está centrada en el conocimiento y en la información como bases de producción, como bases de la productividad y bases de la competitividad, tanto para empresas como para regiones, ciudades y países. (CASTELLS, 2000 s/p)

Com a prática da disciplina ficou esclarecido que a educação empreendedora instiga no aluno a sua autonomia e ao conhecimento da realidade, contudo, não é uma apologia com retoques distorcidos de uma responsabilização individual para a resolução de problemas. Ao contrário, inaugura uma idéia de coletividade menos dependente da postura do outro, ou seja, cada um pode ter a iniciativa de colocar em prática melhoria que beneficie o grupo. Assim, o aluno sabe que ele faz a diferença para a economia do país: “*É das capacidades de aprendizado rápido e da imaginação coletiva dos seres humanos que dependem tanto as redes econômicas como as potências territoriais*” (LÉVY, 1994, p. 24). A partir de um conhecimento compartilhado aprimoramos noções individuais.

A escola torna-se portadora de uma prática de dialogicidade do ato educativo, pois a base da pedagogia é o diálogo que possibilita uma interação democrática entre os sujeitos envolvidos na condução de um aprendizado. O diálogo deve permitir um conhecimento sobre natureza e cultura, partindo sempre da experiência vivida pelo educando. Assim, ficam próximos de sua experiência de vida, a qual está permeada de materiais da “nova era da informação” como, por exemplo, o computador que possibilita a interligação com o mundo mediante a *internet*.

Em um ambiente competitivo e global, a escola que municia o aluno de uma educação empreendedora tem maiores chances de colocar seus alunos no campo do trabalho, pois ali serão ressaltadas características como a: “[...] *capacidade de comunicar, de trabalhar com outros, de gerir e de resolver conflitos [...]*” (DELORS, 2003, p. 94). Nesse sentido, estamos diante de uma mudança de comportamento, provocando a responsabilidade do aluno em sua

área de atuação. Estabelecer esse paradigma é o desafio do século XXI, que podemos visualizar a partir dos “quatro pilares da educação”:

(...) aprender a conhecer, isto é adquirir os instrumentos da compreensão; aprender a fazer, para poder agir sobre o meio envolvente; aprender a viver juntos, a fim de participar e cooperar com os adultos em todas as atividades humanas; finalmente aprender a ser, via essencial que integra as três precedentes. (DELORS, 2003, p.90).

E, intermediando o processo, temos as Tecnologias de Informação e Comunicação, sedimentando uma sociedade em rede. Nesse sentido, cada vez mais o agente tem contato com culturas diferentes, aumentando sua capacidade de visão global. Essas mudanças irão desembocar na “sociedade do conhecimento”. A escola é o berço do conhecimento, e, ela deve continuar executando esse comprometimento, como “[...] *um dos principais agentes de difusão de inovações sociais porque gerações após gerações de jovens que por ali passam, ali conhecem novas formas de pensamento, administração, atuação e comunicação e se habituariam com elas.*” (CASTELLS, 1999, p. 380). Logo, o incentivo a um comportamento empreendedor nos alunos, torna-se fundamental para alcançarmos uma educação contextualizada.

Além disso, uma das questões mais importantes do empreendedorismo é incentivar a cooperação, sem paralisar os indivíduos. Assim, um dos temas amplamente debatidos dentro da metodologia empreendedora está relacionado com a diminuição da miséria mundial. O empreendedorismo social torna-se uma vertente a ser pesquisada, pois uma das características do empreendedor é unir ganhos econômicos e sociais. Nesse ponto estabelece a ponte entre o “eu” e o “nós” tão caro a escola, mas difícil de ser colocado em prática apenas com o discurso. Na educação empreendedora, na escola Francisco Rosa, tentamos unir os dois lados: a prática e a teoria a partir de atitudes cotidianas simples como, por exemplo, incentivar os alunos a enxergar a vida como trilhas a serem planejadas.

Dessa forma, altera-se também a importância do papel do professor, o qual deve, por meio de sua ação, “*ampliar as referências e fontes de aprendizado e redefinir o próprio conceito de saber*” (DOLABELA, 2003, p. 103). Assim, trazemos para a escola assuntos que seriam considerados inadequados numa visão anterior, na qual os conteúdos já eram suficientes. Agora, sabemos que a definição de capacidade não é definida apenas pela quantidade de absorção dos conhecimentos, mas também como o aluno irá agregar sua

criatividade para fazer a diferença. Aqui a iniciativa de ousar se torna preponderante, principalmente nas resoluções de situações imprevistas.

## DESAFIOS DA ESCOLA NA DINÂMICA MUNDIAL

A educação tem o dever de acompanhar as transformações e, portanto, podemos perguntar: o que há de novo sob o sol? Por isso, faremos um recorte com algumas observações sobre rupturas produzidas pelo mundo mediante uma aceleração do desenvolvimento tecnológico. Entendemos que o *loop* da montanha-russa: “*Caracteriza-se pelo surgimento de setores de produção inteiramente novos, novas maneiras de fornecimento de serviços financeiros, novos mercados e, sobretudo, taxas altamente intensificadas de inovação comercial, tecnológica e organizacional.*” (HARVEY, 1992, p. 140). Aqui está o lugar de transformação

Agora, estamos no ápice de uma mudança do *homo faber*, o qual desliza de um modelo de trabalho destinado a produção de bens para um tipo de mão-de-obra especializada, que requer habilidades de interação, movida por um espírito de equipe. Logo, a relação mundo-escola deve acatar os valores positivos da Ilustração – liberdade, razão, etc. –, mas também repensar o saber como uma esfera indissociável da realidade. O ponto nodal é fazer a ponte entre o conhecimento e o mundo. E, se a escola é o berço do conhecimento, podemos aceitar a seguinte reflexão de Morrin:

O papel da escola passa pela porta do conhecimento. É ajudar o ser que está em formação a viver, a encarar a vida. Eu acho que o papel da escola é nos ensinar quem somos nós; nos situar como seres humanos ; nos situar na condição humana diante do mundo, diante da vida; nos situar na sociedade ; é fazer conhecermos a nós mesmos. E eu acho que a literatura tem o seu papel. O papel da educação é de nos ensinar a enfrentar a incerteza da vida; é de nos ensinar o que é o conhecimento, porque nos passam o conhecimento mas jamais dizem o que é o conhecimento. E o conhecimento pode nos induzir ao erro. Todo conhecimento do passado, para nós, são as ilusões. Logo, é preciso saber estudar o problema do conhecimento. **Em outras palavras, o papel da educação é de instruir o espírito a viver e a enfrentar as dificuldades do mundo**<sup>1, 2</sup>

---

<sup>1</sup> Grifo nosso.

As reviravoltas do sistema produtivo mundial, desde a crise de 1929<sup>3</sup>, do *welfare state*<sup>4</sup>, do taylorismo<sup>5</sup> e do fordismo<sup>6</sup>, estiveram ligadas ao sistema fabril, logo, tínhamos a indústria como à peça principal da engrenagem da economia. Mas, com as recentes remodelações do trabalho (toyotismo<sup>7</sup>), podemos perceber que o trabalhador é convocado para ter outra função dentro da empresa, ou seja, seu lugar de destaque dentro das relações produtivas será a de um indivíduo que interfira no desenvolvimento da empresa e seja capaz de identificar possíveis alterações de melhoria. Nesse sentido, o início de modelação desse agente passa pela escola, a qual pode facilitar a inserção do mesmo nas demandas das empresas.

Antes de pensarmos em empreendedorismo educacional, Lyotard<sup>8</sup> (2000) já indicava novos rumos para a escola – não iremos adentrar em conceito de modernidade e nem pós-modernidade, afinal, não é este o tema do texto –, mas apenas ressaltar um autor que redefiniu a atuação do professor na sala de aula:

A pedagogia não sofrerá necessariamente com isto, pois será preciso apesar de tudo ensinar alguma coisa aos estudantes: não os conteúdos, mas o uso dos terminais, isto é, de novas linguagens, por um lado, e, por outro, um manejo mais refinado deste jogo de linguagem que é a pergunta: onde endereçar a questão, isto é, qual a memória pertinente para o que se quer saber? (p. 92)

---

<sup>2</sup> MORRIN, Edgar. A ciência, o Imaginário e a Educação. Entrevista ao Salto para o Futuro. Entrevista em março de 2000. Traduzida por José Roberto Mendes. Disponível em:

[http://www.redebrasil.tv.br/salto/entrevistas/edgar\\_morin.htm](http://www.redebrasil.tv.br/salto/entrevistas/edgar_morin.htm). Acesso em: 09/08/2008.

<sup>3</sup> Crise do sistema capitalista, provocando falências de fábricas e desemprego de milhares de pessoas.

<sup>4</sup> Introdução do Estado para a regulação econômica com o intuito de taxar o capital para proporcionar uma política pública em saúde, educação, etc., Princípios defendidos por John Maynard Keynes (1883-1946).

<sup>5</sup> Sistema de relações de trabalho que preconizava a transformação do trabalhador em um indivíduo dócil e obediente, a partir de uma mecanização repetitiva do trabalho dos operários, com delimitação de tempo rígido para as tarefas. Método criado por Frederick W. Taylor (1856-1915).

<sup>6</sup> A automação dominava o processo produtivo, precisando apenas de operários que seguissem o ritmo da máquina. Iniciado por Henry Ford (1886-1947).

<sup>7</sup> O novo tipo de trabalhador pró-ativo, ou seja, atualmente as empresas procuram indivíduos com a capacidade de gerenciar as atividades executadas.

<sup>8</sup> Pesquisa realizada, na década de 70, por Lyotard quando foi convidado pela universidade de Quebec, para fazer relatórios e utilizou vídeos-conferências para comunicar-se com a universidade, logo, ressalta a importância de “[...] uma formação elementar em informática e particularmente em telemática deveria fazer parte obrigatoriamente de uma propedêutica superior, do mesmo modo que aquisição de uma língua estrangeira, por exemplo [...]” (2000, p. 92). Lyotard não é pessimista, é “bom” para o saber perder a crença nas grandes narrativas (materialismo histórico) amplificadoras por excelência da idéia salvadora da humanidade por si só.



O autor está evidenciando os bancos de dados dos computadores. Mas, podemos afirmar que Lyotard fez a indicação necessária de mudança da educação em um mundo mediado pelas tecnologias da informática. Nesta nova ordem, o professor será um dos primeiros a aderir linguagem da informática, no momento em que a memória humana não precisa ser mais enciclopédica, pois temos os bancos de dados virtuais para serem usados por qualquer indivíduo. Logo, o novo professor será um indicador das trilhas do conhecimento e, além disso, está relacionado a um propósito da realidade.

Ainda, segundo o autor, a interdisciplinaridade vem agregar mais “*ruído*” ao sistema. Não tem mais fronteiras rígidas, a flexibilidade não permite nenhuma regra pesada. Além disso, as instituições educacionais deveriam seguir as mesmas regras do trabalho de uma empresa privada, sendo assim, a idéia de hierarquia, equipe, etc. prevalecem com o objetivo de aperfeiçoar o desempenho. Tanto na pesquisa como no ensino o parâmetro é: “*jogos cuja pertinência não é nem verdadeiro, nem justo, nem belo, etc., mas o eficiente: um “lance” técnico é “bom” quando é bem-sucedido e/ou quando despende menos que um outro.*” (Lyotard, 2000, p. 80).

Nesse sentido, podemos somar a estas considerações o novo paradigma da educação empreendedora: “*o indivíduo empreendedor é sempre visto de forma integral, em suas múltiplas dimensões, e não apenas como um indivíduo que busca ou recebe informações.*” (SEBRAE, 2001, p. 43). Ele é ágil e acredita na capacidade de interferência de suas ações nas situações problemáticas, ou seja, temos um sujeito amplo em conexão com o mundo. Por isso, a escola deve acompanhar o desenvolvimento das outras esferas (econômicas, políticas, etc.), e colaborar na concepção de um indivíduo que saiba se movimentar na vida cotidiana:

A escola está ligada a este processo, como agência educativa ligada às necessidades do progresso, às necessidades de hábitos civilizados, que correspondem à vida nas cidades. E a isto também está ligado o papel político da educação escolar enquanto formação para a cidadania, formação do cidadão. (SAVIANI, 1996, p. 157).

Portanto, a escola alheia à construção de um aluno com um olhar “*complexo*”, que enxergue as relações entre as partes e o todo, restringirá a cidadania do mesmo. Com isso, afirmamos que o empreendedorismo vem agregar mais responsabilidade para a escola, questionando sobre a coerência do saber na sociedade contemporânea. Levar essas reflexões

para dentro da escola permite incluí-la na dinâmica do empreendedorismo, o qual instiga a formação de um agente confiante com a sua habilidade de tomada de decisão.

## **MOMENTOS DE EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA NO COLÉGIO FRANCISCO ROSA**

É praticamente inevitável não fazer a associação instantânea do termo empreendedorismo com a atividade empresarial. Muitos parecem não saber que empreendedor é todo aquele que sonha, cria, inova, coopera e, isto pode ser feito em todas as atividades humanas. Desse modo, a educação também deve utilizar-se de práticas empreendedoras. Afinal de contas ser empreendedor além de ser perseverante, lutador, criativo, é antes de tudo, respeitar os outros, aprender com os próprios erros, e isto se insere perfeitamente na educação.

Hoje, vivemos num mundo onde a criatividade, a inovação, a perseverança, a liderança são qualidades muito mais exigidas e necessárias do que antes, por isso, a escola deve preparar o aluno para um futuro ‘incerto’ e muito mais exigente. A escola é o local ideal para formar esse tipo de cidadão. O nosso aluno deve ser capaz de ter idéias, planejá-las e realizá-las com sucesso.

Para tal, a escola deve: incentivar o aluno a descobrir seus talentos; deve também mostrá-lo que quem tem informação tem poder, e, esse poder deve ser utilizado para tratar a informação tornando-a conhecimento para criar e inovar produtos; além de inculcar no aluno o senso de responsabilidade social.

Devemos ressaltar, porém, que esse aluno só será pró-ativo se o professor dispuser-se a ser um instrumento de alavancagem das características empreendedoras no aluno, ajudando-o a descobrir seu potencial superando as dificuldades.

Nesse contexto de empreendedorismo e educação encaixam-se também outros dois conceitos: o de empregabilidade e o de competitividade. Ambos são impostos pela globalização e essenciais para o aluno enfrentar o mundo pós-industrial. Nesse sentido, o SEBRAE orienta que,

Para atuar no mundo do trabalho, onde imperam a transitoriedade, as transformações, a incerteza e o imprevisto, o indivíduo precisa ter consciência de seus próprios processos e estados cognitivos, de forma a organizar a realidade e a atuar nela. Assim, o papel do instrutor que ensina e repassa

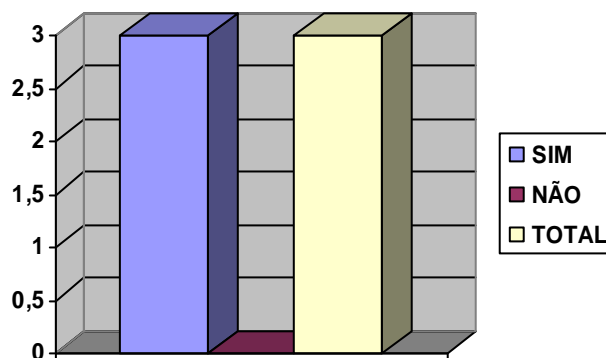
informações para alunos passivos não mais se coaduna com as expectativas e necessidades atuais. (SEBRAE, 2001, p. 25).

## PRINCIPAIS RESULTADOS ENCONTRADOS

Neste tópico, serão apresentados a visão dos professores e alunos sobre a educação empreendedora. No Colégio Estadual Francisco Rosa dos Santos, existem três professores que lecionam a disciplina Empreendedorismo. Estes professores foram questionados a respeito da aplicação dos conceitos e da sua prática advindos da nova disciplina.

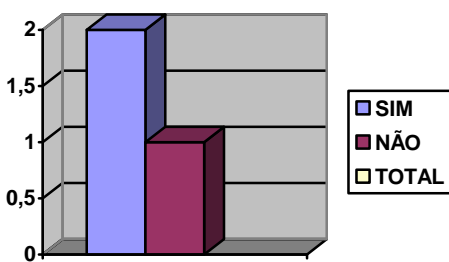
A primeira pergunta foi a seguinte: a disciplina empreendedorismo contribui na formação contextualizada do seu aluno? Os resultados podem ser visualizados no gráfico 1, onde 100% dos educadores responderam que sim. Este resultado revela que os professores estão otimistas, entusiasmados e antes de tudo, acreditam que a disciplina potencializa a capacidade do aluno em vencer desafios, realizar sonhos.

**gráfico 1- O empreendedorismo contribui na formação contextualizada do aluno**



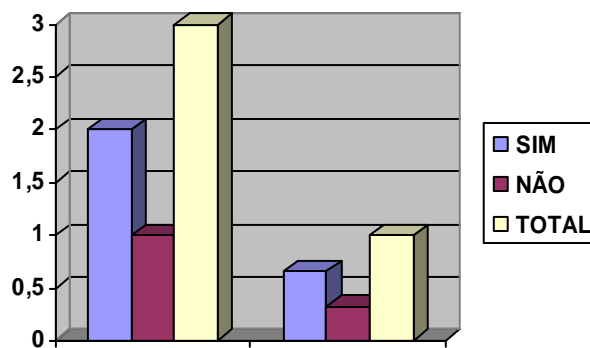
Na seqüência, o professor foi indagado se o ensino do empreendedorismo contribui para o aluno conseguir emprego. Como resultado, tivemos que apenas 33,3% discordam. O percentual de discordância foi justificado na fala do entrevistado: “A *disciplina empreendedorismo forma o cidadão por completo, não vai ajudá-lo só a conseguir emprego não. Ela ensina a pescar, não dá o peixe não.*” As respostas positivas se enquadram na perspectiva da disciplina (66,6%). As respostas poderão ser melhor entendidas no gráfico abaixo.

**gráfico 2. Contribui para o aluno conseguir emprego**



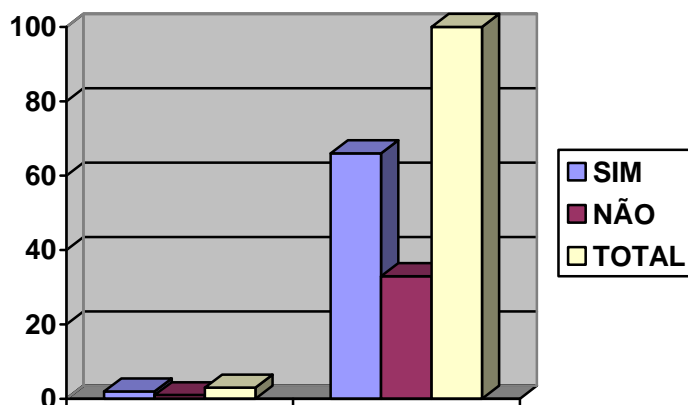
Nessa visão de emprego, foi perguntado também se a escola deve fazer a ponte entre ela e o mercado de trabalho. Foi verificado que a maioria concorda com a afirmação. Apenas 33,3% discordam, justificando que a escola “*deve apenas formar o aluno para o conhecimento*”. Encontramos estes resultados no gráfico abaixo.

**Gráfico 3. A escola deve fazer a ponte entre ela e o mercado de trabalho**



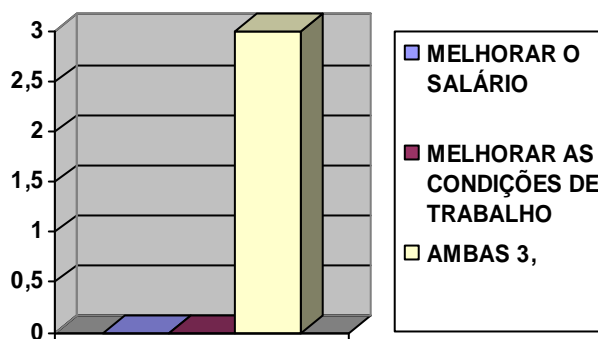
Em seguida, quando questionados a respeito da capacitação em empreendedorismo para ensinar a maioria dos professores afirmou que **sim, foi suficiente**. Apenas um professor discordou, afirmando que: “*deveria ter uma complementaridade dos estudos. Como, por exemplo, um mestrado na área.*”

**gráfico 4. Sua capacitação foi suficiente para ensinar**



A última pergunta foi em relação ao que poderia ser feito para melhorar o ensino de empreendedorismo, pois sabemos que o Colégio Francisco Rosa é público, e sofre com as dificuldades de qualquer instituição de ensino público. Neste questionamento os professores foram unânimes em concordar que é preciso **melhorar as condições de trabalho e o salário também**. Como pode ser visto no próximo gráfico.

**gráfico 5. O que poderia ser feito para melhorar o ensino de empreendedorismo**

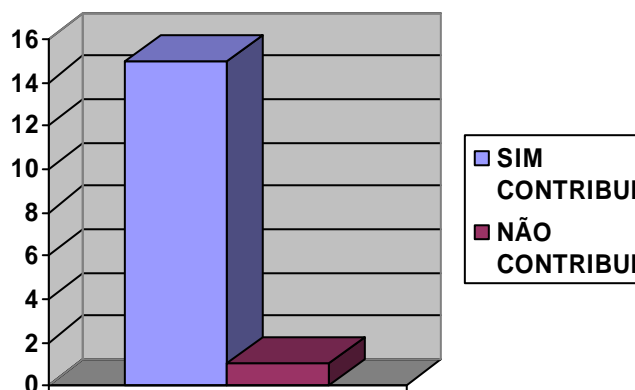


Nos próximos parágrafos serão apresentados os resultados obtidos com a aplicação de um questionário feito com uma amostra de quinze alunos que estudam a disciplina.

A primeira pergunta foi: A disciplina Empreendedorismo contribui para sua formação? Como grata surpresa, identificamos que quase a totalidade dos alunos acham sim. Este

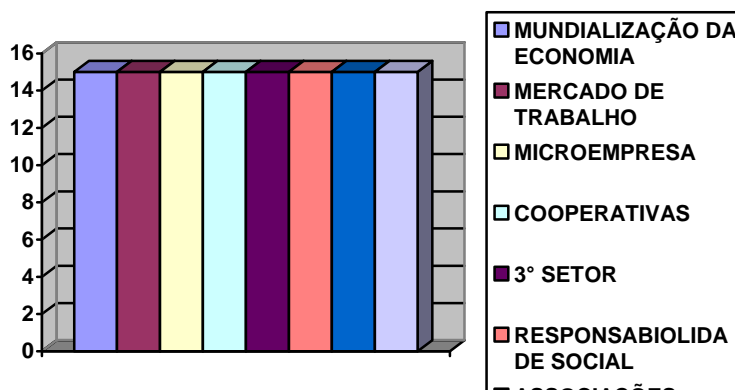
resultado evidencia a receptividade e entusiasmo dos alunos com a disciplina. Apenas um aluno discordou das respostas, mais isso vem corroborar a tese de que o novo trás desconfianças.

**gráfico 6. Contribui para a formação**



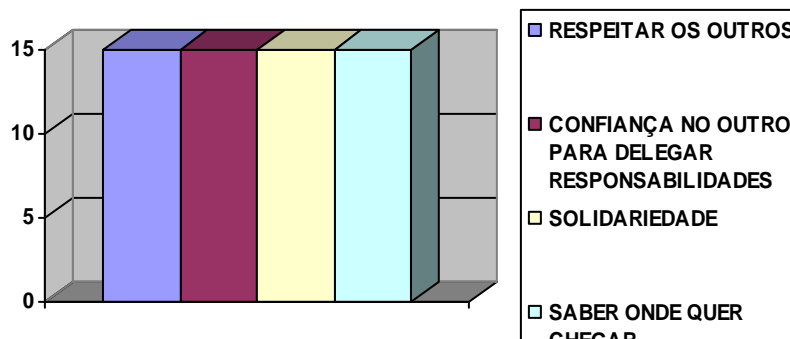
Quando indagados sobre as temáticas que estudam na disciplina, todos afirmaram que aprendem sobre, mundialização da economia, mercado de trabalho, microempresa, responsabilidade social, associações, cooperativas e terceiro setor. Como pode ser visto no gráfico seguinte.

**gráfico 7. Temáticas que estudam**



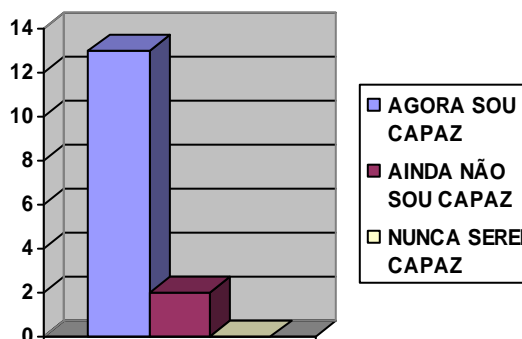
Solicitados para indicar o que é espírito de equipe a totalidade dos alunos afirmaram: respeitar os outros; confiança no outro para delegar responsabilidades; solidariedade; e, saber onde quer chegar. Confirmando que os pilares da disciplina estão sendo compreendidos.

**gráfico 8. O que é espírito de equipe**



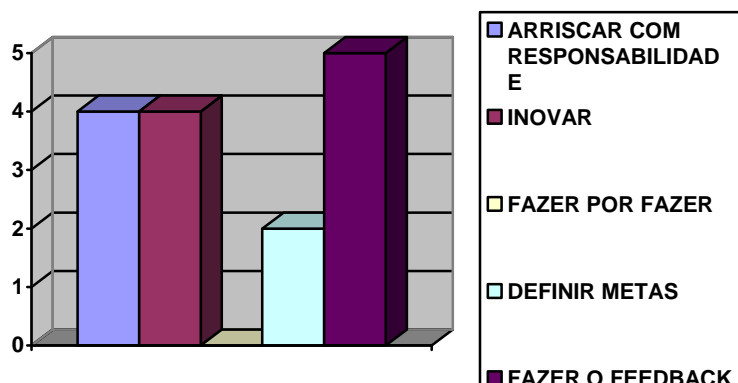
Quando indagados sobre a capacidade de realizar sonhos (empreender) com o ensino do empreendedorismo. Apenas um aluno foi pessimista, afirmando que ainda não é capaz de realizá-los. Justificou da seguinte forma: “*Eu tenho medo de não conseguir vencer os desafios dessa vida, que pra mim sempre foi difícil.*”

**gráfico 9. Capacidade para realizar sonhos (empreender)**



A respeito do que é ser empreendedor, os alunos responderam que: é arriscar com responsabilidade, e também inovar, (26,0%) cada um; definir metas, obteve 13% das respostas; e, fazer o *feedback* das ações alcançou o maior percentual, com 33% das indicações. A partir dessas respostas ficou clara a relevância da educação empreendedora no ensino básico, como meio de atingir as características requisitadas do indivíduo no mundo atual.

**gráfico 10. Ser empreendedor é**



## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A experiência no colégio público Francisco Rosa dos Santos, em Aracaju-SE, com a disciplina empreendedorismo confirmou nossas expectativas de aprimorar o conhecimento para uma realidade nova, a qual tem expressão na empregabilidade. Assim, estamos iniciando um processo de questionamento sobre as bases de sustentação da aprendizagem. E, um ponto fundamental foi quebrar uma reduzida idéia de empreendedorismo, como uma penetração de um neoliberalismo na educação mediante uma proposta de estimulação individual de resolução dos problemas. Ao invés, de paralisarmos com críticas sem ação, fizemos uma aposta na disciplina, e, fomos compreendendo – professores e alunos – o conceito de cooperação e equipe subjacente ao conceito de empreendedorismo. Como resultado de uma reflexão, fizemos a seguinte pergunta: nós como professoras procuramos atualizações no campo profissional, e, o aluno não pode ter esse direito? Quando conseguimos responder, contabilizamos as diversas faces positivas da educação empreendedora como, por exemplo, fazer o aluno compreender questões relacionadas à mundialização da economia, economia solidária, cooperação, responsabilidade, etc., provocando um debate entre o concreto e a subjetividade de cada agente, quando necessita vencer num contexto no qual o diferencial é a criação, a partir do empenho somado ao conhecimento. Por isso, ser empreendedor não é apenas uma vocação, mas, principalmente, um aprendizado cultural e social de desenvolvimento das capacidades latentes do educando.



Aprendemos também que o empreendedorismo na escola trás desafios para os professores. Ao invés, de um ensino-aprendizagem de conteúdos sem relação com o concreto, o educador passa a enxergar uma interação direta entre o saber e o fazer. A intermediação dá-se mediante uma observação atenta dos fenômenos de mudança estrutural da sociedade, assim, ele conecta, sem uma hierarquização pré-concebida, a teoria e a prática. Existe também uma junção sistematizada entre a idéia e sua realização, que capacita o aluno a não só otimizar, mas, principalmente, construir a partir do desconhecido. Ressalta-se, ainda, que o sucesso da experiência foi impulsionado também pela equipe técnica e diretiva da escola, pois confiaram na proposta do SEBRAE juntamente com a Secretaria de Estado de Educação de Sergipe, acreditando na vontade dos professores de ensinar o novo.

O aluno que passa pelo processo “*aprender a empreender*” não é um simples reprodutor. Ele é treinado para solucionar problemas cotidianos com a destreza de compreender que a realidade do mundo tem uma dinâmica complexa e, na Era da Informação veloz, percebe que a agilidade de transpor obstáculos faz uma diferença no momento de conseguir uma ascensão profissional ou na abertura de seu próprio negócio. Ensinar ao aluno desde a educação básica a não só responder ao estímulo do professor, mas, primordialmente, ter uma iniciativa de trilhar o labirinto do conhecimento, significa equacionar uma responsabilidade dupla: do professor e do aluno.

Ao contrario, da idéia de uma desvalorização do professor, temos consciência da necessidade de professores competentes para conseguir incutir no educando, desde a infância, a criatividade latente própria da idade de descoberta do mundo. Por exemplo, se na citação abaixo trocarmos a palavra cidades pela de escolas, podemos vislumbrar uma nova escola para uma sociedade em mudança:

En ese sentido, el papel de las ciudades en la Era de la Información es ser medios productores de innovación y de riqueza, pero es, aún más, ser medios capaces de integrar la tecnología, la sociedad y la calidad de vida en un sistema interactivo, en un sistema que produzca un círculo virtuoso de mejora, no sólo de la economía y de la tecnología, sino de la sociedad y de la cultura. (CASTELLS, 2000, s/p).

Dizemos, ainda, a troca não é alheia ao contexto, afinal, pensar na escola subentende também fornecer bases de cidadania. Um tipo de cidadania que está intrínseca a perspectiva de uma ação ativa para com o desenvolvimento social. Aqui ressaltamos uma atitude singular de

cada indivíduo, a qual possa estabelecer redes de cooperação para uma transformação econômica e social.

Logo, a educação empreendedora está interessada em atuar no desenvolvimento local, sem esquecer as imbricações globais, num contexto de “*compressão tempo-espaço*” (HARVEY, 1999). Estamos cientes de uma experiência sociocultural que questiona os procedimentos de uma escola voltada apenas para uma dimensão emissor-receptor, sem a construção de uma interação com a realidade, configurando uma situação de distanciamento com os desafios do outro lado dos “muros”, ou melhor, do mesmo lado, mas separado por acreditar que o saber é uma fase passageira da vida. De uma aprendizagem passiva, atualmente, a escola deve fornecer um intercâmbio de fomento de oportunidades. Assim, a educação do futuro impõe uma tomada de posição de cada professor, no sentido de melhorar a relação mundo e escola. E, entender que o aprendizado de cada ser não tem tempo estipulado, dessa forma, a escola inicia um processo, porque um agente empreendedor sabe valorizar a busca de novos conhecimentos e re-elaboram para uma esfera de praticidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTELLS, Manuel. *La ciudad de la nueva economía*. Revista online La Factoría. Nº 12. Julio-Septiembre, 2000. Disponível em: <<http://www.lafactoriaweb.com/articulos/castells12.htm>> Acesso em 15/05/2008.

\_\_\_\_\_. *A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura*. Vol. 1 A Sociedade em Rede. São Paulo, Paz e Terra, 1999.

DOLORS, Jacques. *Educação: um tesouro a descobrir*. 8ª Ed. São Paulo: Cortez; Brasília, (DF): MEC - UNESCO, 2003.

DOLABELA, Fernando. *Pedagogia Empreendedora - O Ensino do Empreendedorismo na Educação Básica, voltado para o Desenvolvimento Sustentável*. São Paulo: Editora de Cultura, 2003.

EMPREENDEDORISMO na Escola e a Pedagogia de Paulo Freire. Programa Especial: entrevista com Prof. Dr. Afonso Celso Scocuglia; Professor Paulo Eirado Dias Filho; Profº Antônio Ramos; Profº Eniceu Lisboa; Profº Ritanael Alcântara Souza. Hora do Empreendedor. Programa apresentado na TV Cidade e TV Aperipê - SE. Apresentação de Luiz Fialho, Direção Júnior Fontes, Produção Univídeo, dez. de 2007.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática docente*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HARVEY, David. *Condição Pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1999.

LEVY, Pierre. *A inteligência coletiva*. Paris: Loyola, 1994.

LYOTARD, Jean-François. *A Condição Pós-Moderna*. 5ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.

MORRIN, Edgar. A ciência, o Imaginário e a Educação. *Salto para o Futuro*. Entrevista em março de 2000. Traduzida por José Roberto Mendes. Disponível em: [http://www.redebrasil.tv.br/salto/entrevistas/edgar\\_morin.htm](http://www.redebrasil.tv.br/salto/entrevistas/edgar_morin.htm). Acesso em: 09/08/2008.

\_\_\_\_\_. *Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro*. São Paulo: Cortez; Brasília (DF): UNESCO.

SAVIANI, Dermeval. O Trabalho como Princípio Educativo Frente às Novas Tecnologias. In: FERRETTI, C. J. et al (Org.) *Novas Tecnologias, Trabalho e Educação: um debate multidisciplinar*. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS. *Referências para uma Nova Práxis Educacional*. 2ª ed. Série Documentos: Brasília, 2001.